

5

Conclusão:

Resistir é possível

Em tempos de um maciço investimento nas subjetividades de valores que viriam ocupar o lugar de estruturas mais sólidas, valores estes que, em consonância com um mercado em constante processo de produção de bens, cuja variedade não cessa de aumentar, suscita em nossas existências formas que variam numa velocidade tal que não temos tempo para, de fato, absorvê-las.

O assombro que nos causa vem acompanhado por uma sensação de vertigem; parece que nos falta o chão. Despotencializados, lamentamos os bons tempos da solidez das instituições, da família e dos bons costumes. Em tempos em que tudo que é sólido desmancha no ar, a promessa de volta desses finados bons tempos ressurge com a esperança de dias melhores.

Ao mesmo tempo, vivemos hoje em dia uma liberdade como nunca se vira antes. No entanto, um olhar mais atento ao que é visto como liberdade nos leva à conclusão de que se trata de uma estranha liberdade, que necessita de câmaras, grades, telefones celulares, toda uma parafernália que dê, em consonância com a liberdade tanto esperada, um sentimento de segurança.

O mais curioso é que, por princípio, liberdade e segurança andam em vias opostas. Assim, a liberdade se afasta na medida em que a segurança se aproxima, e estamos tanto mais seguros quanto menos liberdade e vice-versa. Seguros em nossos condomínios fechados, podemos circular livremente pelos limites delimitados por suas grades, livres daqueles que, em sua diferença, provocam, dentre outros, sentimentos de medo e ódio¹.

É preciso evitar ‘as invasões bárbaras’² desses que devem ser mantidos afastados. O encontro inevitável com a diferença que os constitui deve ser evitada, a fim de que possamos nos manter estáveis, indiferentes, e assim conservamos

¹ Cf. Vilhena, 2002.

² Aludimos, aqui, ao filme de mesmo nome, do diretor Denys Arcand.

tanto nossos territórios demarcados espacialmente quanto nossos territórios existenciais, nos quais nos reconhecemos e nos fazemos reconhecer.

Característica de nosso convívio social, observamos estas mesmas engrenagens em nossa constituição subjetiva. Nesse sentido, sobrevivemos, presos a nossos territórios existenciais que, como as grades do condomínio, cerceam nossa subjetividade e nos prendem a identificações que despotencializam o que consideramos, aqui, como força vital, inerente ao próprio viver.

Narcísicos, a diferença como o que pode nos conduzir a outras configurações subjetivas, provoca sentimentos de terror, levando-nos a nos aferrarmos a identificações que vão de encontro aos processos criativos. Reagimos a essas invasões bárbaras. Sobrevivendo, negamos a vida em seu cerne, no que ela tem de poder de diferenciação e abertura para o novo.

A diferença é ameaçadora: tanto a diferença personificada no outro que difere de mim, quanto a diferença que diz respeito ao outro que, em mim, difere, pois ela é o que leva, inexoravelmente, a outras configurações, a outras constituições, sejam espaciais, sejam existenciais. O que não nos damos conta quando buscamos freneticamente a segurança, sempre ameaçada, é que a diferença não cessa de insistir. Ela pulsa, e pode emergir nas mais diferentes formas.

É assim que evocamos, mais uma vez nesta pesquisa, Clarice Lispector. Em seu romance, “A paixão segundo G.H.”, num belo dia a protagonista acorda e resolve limpar aquele quarto destinado ao que é estranho, diferente, aos estranhos que habitam sua casa: o quarto de sua empregada. De repente, ela se depara com uma barata. “Diante da barata viva, a pior descoberta foi a de que o mundo não é humano, e de que não somos humanos” (Lispector, 1998, pág.69). Como parte desse inumano, entendemos que se encontram os processos que, a despeito de nos constituírem, escapam às formas nas quais nos reconhecemos.

É assim que G.H. começa o relato de sua experiência frontal com o inonimável: “_ _ _ _ _ estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização

profunda. Não confio no que me aconteceu. Aconteceu-me alguma coisa que eu, pelo fato de não a saber como viver, vivi uma outra? A isso quereria chamar desorganização, e teria a segurança de me aventurar, porque saberia depois para onde voltar: para a organização anterior. A isso prefiro chamar desorganização pois não quero me confirmar no que vivi – na confirmação de mim, perderia o mundo como eu tinha, e sei que não tenho capacidade para outro.” (idem, pág.11)

Não encontramos palavras para expressar tão bem quanto Clarice Lispector o que viemos descrevendo acerca do repúdio à diferença. Valendo-se disso, valores são consumidos como produtos, a fim de que não tenhamos que nos haver com esse inumano, porque fora da cultura, em nós. Não sabemos ou, muitas vezes, não podemos lidar com nossa própria ‘natureza humana’³.

Tentamos, ao longo desta pesquisa, buscar meios que nos permitissem melhor entender esses processos que, sorrateiramente, não deixam de nos acometer e de abalar estruturas já bem fixadas, territórios bem delimitados, que conferem à existência uma estabilidade. Em nosso percurso, percebemos que, paradoxalmente, estes processos que constituem nossa natureza humana não podem ser considerados, paradoxalmente, separados da cultura.

Inicialmente presentificada na relação da mãe com seu bebê, os elementos culturais exercem influência em nossa constituição através dos cuidados prestados num momento em que há uma total dependência do bebê em relação à pessoa responsável por seus cuidados. Imersa num meio social, é, em conjunto com os elementos que fazem parte de sua configuração existencial, que essa mãe se relaciona com seu filho.

A maneira como cuida de seu bebê possibilitará ou não a constituição de um espaço, chamado por Winnicott de espaço potencial ou transicional. Esses cuidados, quando o bastante para que a criança possa se desenvolver ou, nas palavras de Winnicott, quando ‘suficientemente bons’, possibilitam que o indivíduo mantenha com o mundo relações criativas que acontecem nesse espaço abstrato chamado de potencial.

³ Título de um livro de D.W.Winnicott

Estas relações podem ser criativas porque entram em contato com o que o indivíduo tem de mais verdadeiro em seu ser, o que pode se constituir por uma relação com um ambiente que não se revelou intrusivo, respeitando as suas capacidades de com ele lidar. Esse ambiente assim apresentado nos cuidados maternos permite a emergência do verdadeiro *self*.

Como o que há de mais verdadeiro em nós, para que possamos nos sentir vivos é necessário que uma comunicação com esse núcleo seja possível, o que acontece através do espaço transicional. Somos criativos quando as relações que travamos durante nossa existência passam por esse estranho lugar, não localizável, do qual não faz parte nem a realidade interna, própria do indivíduo, nem a realidade externa, do mundo compartilhado.

Porém, apesar de não fazerem parte deste lugar, estas realidades nele se comunicam, se tocam, nessa fronteira que, assim, comporta essas duas realidades. Paradoxal por excelência, é neste lugar que acontece a vida. É por habitarmos esse espaço que podemos nos sentir real. É através dos processos criativos que nele se irrompem que podemos, então, nos constituir subjetivamente em consonância com os processos inerentes ao viver.

Assim, nossos territórios existenciais se configuram com pontas de desterritorialização que remetem sempre a outros territórios possíveis, segundo Deleuze e Guattari. Mas esse movimento, próprio da vida, metaestável, pode ser corrompido ou até mesmo paralisado. Se consideramos que as relações entre o indivíduo e a sociedade é uma consequência do desenvolvimento emocional, o que tem suas raízes no fato da dependência inicial do humano, não podemos, portanto, pensar na realização pessoal sem o suporte do meio social, ou o seu inverso, quer dizer, não há como também entendermos a sociedade independente dos processos de crescimento dos indivíduos que a compõem. Impossível de atribuímos uma relação de prioridade entre o que seria da ordem subjetiva e o que seria da ordem social, temos que avaliar os seus atravessamentos.

Nessa dimensão paradoxal e variante que compõe não só os indivíduos, mas também a sociedade, há algo que permanece a despeito da época ou da formação social: o fato de que, ao nascermos, necessitamos plenamente dos cuidados de um outro, que é, geralmente a mãe. Juntamente com esse raciocínio, podemos pensar

também que, se dependemos desses cuidados para que possamos emergir como pessoa, há algo de nossa constituição que atravessa os tempos e que, aqui, consideramos como os processos criativos da subjetividade. A “experiência cultural”, segundo Winnicott.

Propomos uma reflexão sobre a maneira pela qual uma determinada cultura influencia esses processos, característicos de nossa natureza humana. O que pensar de uma sociedade que, apoiada numa política de consumo, precisa de um mercado que a sustente? Essa sustentação, que nos parece num primeiro momento apenas material, se desdobra num investimento subjetivo que faz com que as pessoas consumam de coisas a subjetividades.

Dessa maneira, não basta fabricar o produto, mas é preciso que haja uma demanda por aquele produto que é fabricado, a fim de que se possa vendê-lo. “A propaganda é a alma do negócio; mas esse negócio que vende não tem alma; necessidades vendidas na sessão da tarde”, nos diz os versos da canção⁴. Atravessados por subjetividades midiáticas, consumimos de produtos a padrões de beleza, numa configuração de territórios existenciais que se fazem numa velocidade tal que não temos tempo para o repouso que nos conduz uma passagem pela área transicional.

Desconectado e sentindo o ambiente como intrusivo, o verdadeiro *self* se oculta para fins de sobrevivência. Em seu lugar se apresenta um falso *self* e, junto com ele, uma sensação de vazio. Procuramos ansiosamente por algo que nos dê, ainda que de forma fugaz, uma sensação de que a vida vale a pena ser vivida. Da mesma forma, procuramos fazer comunidade, o que nos daria um sentimento de pertencimento em tempos de laços sociais enfraquecidos.

Posto dessa maneira, a sensação é de abafamento, falta de ar fresco, sufocamento, como se morássemos em Argia, uma das cidades com nome de mulher de Ítalo Calvino. Enterrado, cada vez mais oculto, se encostarmos os ouvidos no chão, tal como os visitantes de Argia, talvez possamos ouvir um ruído que insiste, uma manifestação criativa da vida, um sinal do verdadeiro *self*.

⁴ Música da banda pernambucana “Nação Zumbi”.

Pois, mesmo que vivamos em uma sociedade na qual as desterritorializações são sempre relativas, o que nos faz mudar de um território a outro, estes sempre codificados, conformes às estratificações sociais, as pontas de desterritorializações não deixam de compor com os territórios, o que nos dá indicações de que, afinal, a vida não se deixa abater.

Apostar na potência da vida: é essa a mensagem que os autores abordados nesta pesquisa nos passam. Todos eles, sem exceção, nos falam no sentido de uma posituação do que de mais natural há no humano, única via pela qual podemos, então, através de seus efeitos mais amplos, construir um novo tecido social. Como não podemos proceder a uma atribuição de ordem nesses processos, investir em melhores condições de vida também tem implicações na maneira como nos constituímos subjetivamente, facilitando assim a emergência da criatividade em nossas subjetividades.

Dessa maneira, será que estamos dando a devida atenção aos sintomas contemporâneos? O que estariam nos dizendo nossos deprimidos, panicados, estressados? Nesse sentido, devemos ampliar nossa escuta para além de suas histórias pessoais, pois essas subjetividades se encontram inundadas dos valores que atravessam uma cultura.

É assim que a depressão tem muito a nos dizer acerca dos imperativos da ação rápida e eficiente, tão valorizada em nossos tempos. Da mesma maneira, uma análise sobre as subjetividades que encontram na agressividade uma forma de expressão também dizem muito de uma época na qual os processos criativos se encontram separados da vida cotidiana.

Vale pontuar, aqui, que essa agressividade que se manifesta no ato violento contra o outro não é a agressividade valorizada na teoria winnicottiana. Para Winnicott, a agressividade é fundamental para que o indivíduo possa manter com o mundo relações criativas, uma vez que ela é o que impulsiona na direção de objetos que fazem parte do mundo compartilhado.

Nessa relação de afetação mútua entre o que é da ordem da cultura, com o que é da ordem do natural no humano, os sintomas, em qualquer época, nos revelam que, não obstante a existência de uma investida de ordem social no

sentido de uma paralisação dos processos criativos, existe uma natureza em nós que insistem e que pertencem ao viver – criativo.

Essa investida se faz porque novas formas de configurações subjetivas sempre vão compor uma ameaça à manutenção de certos estratos sociais. Mas não nos sintamos privilegiados, isso não é uma característica de nossos tempos! Uma vez que novas configurações subjetivas se prolongam em novas configurações sociais, podemos encontrar formas de dominação em qualquer época. Porém, nunca se investiu tanto nas subjetividades como agora.

Através de mecanismos que injetam nos corpos eficientes formas de controle da vida, o que Foucault chama de “biopoder”, entramos num tipo de sociedade que Deleuze denomina “sociedades de controle”. Sorrateiros como uma serpente, estes mecanismos se alastram pelo tecido social, adentram nossas subjetividades, influenciam nossas formas de sentir, de amar, de sofrer. Segundo uma prerrogativa de uma vida que deve ser vivida de acordo com os padrões de uma sociedade do bem-estar acima de tudo, quando o natural no humano nos invade, é sempre com um estranhamento que o recebemos.

Dessa forma, todas as condições que nos acometem e, a despeito de fazerem parte da vida, destoam desses modelos ideais de felicidade, nos aparecem como algo que deve ser, imediatamente, extirpado. Assim acontece com os afetos tristes, ou quando queremos nos entregar ao ócio⁵, ou ainda quando achamos que precisamos perder aquelas gramas a mais.

Ou ainda quando, num encontro com o inesperado, com a diferença pura, algo da ordem de um indecível se instaura em nós por uma suspensão dos elos causais que emprestavam a nossa existência uma forma estável. Nesse instante, algo se rompe e, para que possamos continuar, é preciso tecer, cuidadosamente, um caminho a ser percorrido.

Lançar-nos nesse indecível é arcar com as consequências de uma configuração que não se reduz às configurações antes estabelecidas, ainda que lançar-se no novo deve comportar algo da ordem de uma ressonância entre as configurações possíveis para que possa, então, haver uma consistência. No

⁵ Fazemos referência, neste momento, ao livro “O ócio criativo”

entanto, até que esse plano de consistência possa ser traçado, é preciso um tempo, este não cronológico, mas faz-se necessária uma pausa, um momento de repouso, no qual podemos relaxar e, então, sermos o que realmente somos.

Este processo pode ser aterrador. Não conseguimos entender. Viver ultrapassa qualquer entendimento⁶. Se se tratasse apenas de uma desorganização, seria mais fácil, pois saberíamos para onde voltar: para a organização anterior. No entanto, pelo novo que comporta uma tal experiência, não é possível voltar para a organização anterior. Com medo, paralisamos: “na confirmação de mim, perderia o mundo como eu tinha, e sei que não tenho capacidade para outro”, nos diz G.H⁷.

Investida narcisicamente, vivemos como se nossas subjetividades, múltiplas, fossem uma só subjetividade. Negamos a multiplicidade que nos compõe e que empresta ao viver um colorido que só conseguimos pelos encontros que fazemos, que nos afetam, que nos deixam alegres ou tristes, que nos dão potência ou, ao contrário, nos enfraquecem. Não importa, desde que possamos nos afetar. E, se isso acontece, acessamos, imediatamente, nosso verdadeiro *self*.

O diferencial pode residir, então, na resposta a esse plano de afetação: voltar a organização anterior? Isso não seria possível porque, uma vez afetados, só calamos as moções intensivas se as enterramos bem lá no fundo, junto aos habitantes de Argia. Nos colamos a organizações já prontas, que nos são oferecidas como pastas de dentes? Talvez essa seja a resposta a qual sejamos levados mais prontamente, mas não tardará em chegar o momento de outros encontros que, pela intensidade que portam, nos conduzem, de novo, a este indecível.

Talvez seja o momento, então, de habitarmos esse lugar onde é possível relaxar, de permitirmos com que essas forças, estrangeiras, ao nos afetar componham com as nossas, configurando novas formas de existência, formas estas que sejam um prolongamento dos processos criativos que habitam em nós e que, ainda assim, fazem com que nos sintamos invadidos quando se irrompem.

⁶ Cf. capítulo I, poema de Clarice Lispector.

⁷ Cf. pág.218.

Dessa maneira, tentamos formular uma resposta à pergunta: resistir é possível?

Acreditamos que sim. Apesar do anestesiamiento provocado por esses processos de produção de uma subjetividade serializada, os processos criativos inerentes à vida continuam lá; eles insistem e pulsam. É somente por seu intermédio que alcançamos formas criativas de possíveis que fazem frente à massificação quase sem escolhas dos dias atuais. Como produtora de territórios existenciais, a experiência cultural deve possibilitar estes processos de criação, única via pela qual, ainda, é possível resistir, pois só assim podemos criar possíveis que escapem dos modelos estabelecidos e que nos são oferecidos sob as insígnias de uma falsa liberdade.